



HEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

Comentário crítico:

A Guerra do Paraguai e a construção da identidade nacional nos manuais didáticos brasileiros (1900-1960)

Ana Paula Squinelo¹

A conhecida reflexão de Marc Ferro em sua obra *A Manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*, na qual explicita: “Não nos enganemos: a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à História que nos contaram quando éramos crianças”, nos permite refletir o quanto é importante na formação do educando a “história que lhe é repassada/ ensinada”; essa o acompanhará por toda sua trajetória podendo exercer um papel crítico ou criar estereótipos os mais diferenciados possíveis.

A Guerra do Paraguai tema tão caro a historiografia e a história do país, talvez seja um dos episódios mais polêmicos do ponto de vista historiográfico. Desde seu término em 1870 uma vasta publicação especializada ou não foi produzida por protagonistas ou não do conflito platino e, pelos quatro países nela envolvidos: Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

Nesse sentido dedicar-se a análise da produção didática no período de 1900 a 1960 e, trabalhar com autores como Rocha Pombo, Pedro Calmon, Antonio Borges Hermida, Armando Souto Maior, Joaquim Silva e outros, torna-se um desafio de extrema relevância, pois nos leva a refletir como esses autores pensaram, idealizaram e cristalizaram as idéias em torno da Guerra do Paraguai; sob essa perspectiva é que herdamos uma visão do conflito pelo viés de uma História Narrativa, Política, de cunho Militarista-bélica e baseada em fatos, feitos e heróis.

Nesse aspecto os autores do artigo *A Guerra do Paraguai nos livros didáticos de história do Brasil: uma análise de obras publicadas entre 1900-1960*, apresentam com preeminência como a Guerra do Paraguai foi apresentada nos manuais didáticos em questão,

portanto o conteúdo que era repassado nos bancos escolares e, como este discurso se apresentava “afinado” com os interesses da Nação.

O contexto histórico abarcado nesta reflexão trás consigo uma série de questões postas para a própria definição de nosso país, questões essas ligadas a Identidade Nacional, a consolidação da Nação, a construção de seu Panteão de heróis, enfim a afirmação de nossa Identidade e de nossa História enquanto Nação.

Autores como Rocha Pombo, Pedro Calmon e Antonio Borges Hermida, tiveram seus manuais didáticos adotados durante décadas no país; gerações foram ensinadas a partir das “lições” gestadas e legadas por estes autores; vale ressaltar que nem sempre esses estudiosos tinham como formação a área de História.

E, Fertig e Saccol, souberam explorar esses aspectos relevantes na construção do conhecimento histórico que se desejava passar a nação brasileira. No decorrer da escrita demonstram vários aspectos que merecem ser pontuados, quais sejam: como se deu a construção dos heróis brasileiros, como por exemplo, Duque de Caxias e Osório; como o indivíduo é caracterizado e, como este exerce um papel na história; apontam ainda como se constrói uma narrativa factual, cronológica, militarista, na qual ocorre uma sucessão de eventos, como se na história não ocorressem processos de rupturas; reforçam também a necessidade de enfatizar nossa Identidade Nacional, para tal ressaltam a ênfase que se dá nos textos de um discurso nacionalista, enfatizando também que a narrativa é centrada no indivíduo e que busca criar o herói nacional.

Em relação aos “grandes homens”, Carlyle explicita a relevância do papel desempenhado por esses, apontando que o estudo desses heróis é de suma importância para a compreensão da história universal porque:

[...] a história daquilo que o homem tem realizado neste mundo, é no fundo a história dos grandes homens, êstes grandes homens, os modeladores, padrões e, em sentido amplo, criadores de tudo o que a massa geral dos homens imaginou fazer ou atingir; todas as coisas que nós vemos efetuadas no mundo são pròpriamente o resultado material externo, a realização prática e incorporação dos pensamentos que habitam nos grandes homens mandados no mundo: a alma de toda a história universal, pode justamente considerar-se, seria a história destes.²

Portanto, como aferido pelos autores do artigo a história cumpre uma função, isto é, a história como “mestra da vida”; é ao passado que devemos recorrer e dele extrair os heróis, personagens, fatos e eventos mais significativos e, que cumpram um papel exemplar na

construção de uma nação, de um futuro. A história vista “como exemplo” e, aqueles que não obtiveram o privilégio de fazer parte do rol dos acontecimentos devem ser ocultados, relegados à margem da história.

As características desse viés da escrita e da interpretação da história encontrados nos autores analisados por Fertig e Saccol, correspondem a uma escrita da história, gestada logo no pós-Guerra. Ao findar o conflito muitos foram os protagonista, sobretudo militares que se debruçaram a escrever suas Memórias, Reminiscências, Diários, Obras nas quais relatavam suas experiências no teatro de operações relacionada a Guerra do Paraguai. Ressalto que foram esses escritos de cunho militarista, como por exemplo, os de Dionísio Cerqueira³, de André Rebouças⁴, de Alfredo d’Escagnolle Taunay⁵, Benjamin Constant⁶, entre outros que influenciaram ou foram a base para os escritos posteriores.

Então embora compreenda que Fertig e Sacool justifiquem que não trabalharam com esta Historiografia Militar, ao meu ver não se pode ignorá-la ao todo, ou ao menos desenvolver uma reflexão acerca de como essa historiografia militar influenciou as obras da primeira metade do século XX.

Tal abertura poderia ter sido construída no item sobre “A Guerra do Paraguai na historiografia brasileira”, ao afirmarem que: “Na produção historiográfica, podemos identificar três vertentes de análise sobre a Guerra do Paraguai. A primeira típica delas, típica da primeira metade do século XX, [...]”; existem inúmeras obras que como dito foram produzidas logo após o conflito, ainda no XIX, como por exemplo, a primeira versão da “A Retirada da Laguna”, o que de certa forma nos demonstra ainda em fins do século XIX as preocupações tão bem destacadas ao longo da reflexão realizada por Fertig e Saccol.

Interessante ressaltar também que o livro didático que afirmam incorporarem o que designamos de vertente revisionista (para alguns neo-revisionista) que é a Coleção “História: terceiro volume”, de Ricardo, Adhemar e Flávio, insere-se em um contexto que marcou a década de 1980 e, refere-se as discussões em torno dos Currículos e das Reformas Curriculares; tal discussão foi conduzida principalmente por representantes dos estados de Minas Gerais e São Paulo; discutia-se em torno da História do Cotidiano, da História Temática, da História por Eixos Temáticos e da História Marxista. Os autores da Coleção “História”, tiveram suas coleções didáticas elaboradas pelo viés marxista⁷.

Também não podemos deixar de apontar que o contexto histórico que proporcionou essas reflexões, pesquisas e revisões historiográficas foi a implantação dos cursos de Pós-Graduação no país, incluindo a área de humanas; no que tange a Guerra do Paraguai tal contexto propiciou a muitos autores “revisitarem” esta temática com outros olhares e a partir daí apresentarem visões e interpretações acerca da Guerra, desvinculada dos cânones a qual se encontrava alicerçada.

Ponto importante para ser ressaltado é que esta renovação historiográfica pela qual passou a temática, sobretudo dissociando sua compreensão do simplório eixo causas-consequências e, avançando para uma explicação alçada no próprio contexto platino, deve-se destacar o estudo primordial de Moniz Bandeira⁸, que inclusive antecede o de Francisco Doratioto⁹; Bandeira foi um dos primeiros estudiosos a pontuar que

[...] não se pode, absolutamente, creditar a supostos interesses da Grã-Bretanha por trás do Império do Brasil a responsabilidade pela erupção da guerra com o Paraguai, a fim de incorporá-lo ao mercado mundial, destruir um possível modelo de desenvolvimento econômico alternativo para o capitalismo e/ ou buscar terras para o cultivo de algodão. Este é um teorema que nem a lógica comprova nem os fatos comprovaram. A guerra, evidentemente, acelerou a integração com o Paraguai, como, aliás, dos outros países da Bacia do Prata, na economia capitalista, à medida que o processo de acumulação de capital, cujo centro mais importante se localiza, àquela época, na Grã-Bretanha, impunha a dissolução progressiva e contínua das formações pré-capitalistas. A integração do Paraguai, iniciada ao tempo de Carlos Antônio López, completar-se-ia, no entanto, mais cedo ou mais tarde, em função das próprias exigências internas de acumulação de capital, sem a necessidade de uma guerra, que destruiria, como destruiu, as potencialidades do mercado e de suas forças produtivas [...].¹⁰

E, ainda: “A Grã-Bretanha não possuía, entretanto, nenhum interesse específico tão grande, nem mesmo a procura de terras para o cultivo de algodão, que justificasse a preparação da guerra com o Paraguai, mormente usando um país como o Brasil, com o qual suas relações diplomáticas estavam rompidas desde 1863 [Questão Christie]”¹¹.

Significativo apontar também que os autores, ao citarem um trecho do escritor Armando Souto Maior sobre a *Retirada da Laguna*, episódio peculiar na História do Exército Brasileiro não poderiam tê-lo mediado sem a referência ao Visconde de Taunay, tendo em vista que foi a partir de sua clássica obra “A Retirada da Laguna” que se deu início a construção da epopéia da Retirada; um dos maiores fracassos militares do Exército Brasileiro, transformado pelas mãos de Taunay em grande épico militar, sendo comparado inclusive a retirada de Xenofonte.

Para concluir ressaltar que esses aspectos apontados foram no intuito de dialogar com a escrita, a interpretação e as reflexões propostas pelo artigo, entretanto tais questões não prejudicaram os pontos cruciais na escrita e na interpretação proposta pelos autores e que se refere a análise da produção didática sobre a Guerra do Paraguai entre os anos de 1900-1960.

Investigações como essa devem ser incentivadas e divulgadas para que possamos compreender um pouco mais do passado e presente latino-americano, o que nos leva a entender muitas das mazelas ainda existentes na região do Prata e, permite ainda nos aproximar desse conflito “apaixonante” que é a Guerra do Paraguai e suas repercussões, tornando-a um pouquinho menos “*essa desconhecida*”.

Referências bibliográficas

BANDEIRA, Moniz. *O expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai, da colonização à Guerra da Tríplice Aliança*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan; Brasília: Ed. UnB, 1998.

BITTENCOURT, Circe. *Saber didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (História da Educação).

CAPDEVILA, Luc. *Uma guerra total, 1864-1870: ensayo de historia Del tiempo presente*. 1. ed. Buenos Aires: SB, 2010.

CARLYLE, Thomas. *Os Heróis*. 2. ed. Tradução de Antônio Ruas. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

CERQUEIRA, Evangelista de Castro Dionísio. *Reminiscências da campanha do Paraguai, 1865-1870*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, [19--?].

CHIAVENATO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

_____. *Os voluntários da pátria e outros mitos*. São Paulo: Global, 1983.

_____. *A Guerra contra o Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *A Guerra do Paraguai*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1994.

COSTA, Wilma Peres. *A espada de Dâmocles*. O exército, a Guerra do Paraguai e a crise do Império. São Paulo: Hucitec; Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *A Guerra do Paraguai: 2ª visão*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. *O conflito com o Paraguai*. A grande guerra do Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Maldita Guerra*. Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPARELLO, Arlette Medeiros. *Construtores de identidade: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira*. São Paulo: Iglu, 2004.

GATTI JÚNIOR, Décio. *A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)*. Bauru-SP: EDUSC; Uberlândia-MG: EDUFU, 2004.

LE MOS, Renato. *Cartas da Guerra*. Benjamin Constant na campanha do Paraguai. Transcrição, organização e introdução de Renato Lemos. Rio de Janeiro: IPHAN-Museu Casa de Benjamin Constant, 1999.

MUNAKATA, Kazumi. Histórias que os Livros Didáticos contam, depois que acabou a Ditadura no Brasil. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, pp. 217-96.

POMBO, Rocha. *Nossa Pátria*. Rio de Janeiro, 1917.

_____. *História do Brasil*. Revista e atualizada por Hélio Vianna. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

POMER, Leon. *La Guerra del Paraguay: Gran negocio!* Buenos Aires: Ediciones Caldeón, 1968.

_____. *Os conflitos da Bacia do Prata*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

_____. *Paraguai: nossa guerra contra esse soldado*. 2. ed. São Paulo: Global, 1985.

REBOUÇAS, André. *Diário e notas autobiográficas*. Organização de Ana Flora e Ignacio Rose Verissimo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

_____. *Diário*. A Guerra do Paraguai. Introdução e notas de Maria Odila da Silva Dias. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, [19--?].

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SQUINELO, Ana Paula. *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...ensino, memória e história de um conflito secular*. 2. ed. Campo Grande-MS: UCDB, 2003.

_____. *A Guerra do Paraguai ontem e hoje: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (1868-2003)*. 2006. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História Social, 2006.

TAUNAY, Alfredo d'Escragno. *A Retirada da Laguna por Alfredo d'Escragno Taunay oficial do Exército Brasileiro*. Tradução de Salvador de Mendonça. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1874.

TORAL, André. *Adeus, amigo brasileiro*. Uma história da guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

WHIGHAM, Thomas. *The Paraguayan War*. 1. ed. Paraguay: Taurus Historia, 2010. (volumen 1).

¹ Professora Adjunta do Curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campo Grande-MS; pesquisadora da Guerra do Paraguai com ênfase nas temáticas: memória; locais de memória; história; historiografia; a Guerra do Paraguai nos manuais didáticos brasileiros e paraguaios; produção historiográfica no Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Líder do Grupo de Pesquisa *Historiografia e ensino em História* (CNPq). E-mail: apsquinel@yahoo.com.br

² CARLYLE, Thomas. *Os Heróis*. 2. ed. Tradução de Antônio Ruas. São Paulo: Melhoramentos, 1963, p. 9.

³ CERQUEIRA, Evangelista de Castro Dionísio. *Reminiscências da campanha do Paraguai, 1865-1870*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, [19--?].

⁴ REBOUÇAS, André. *Diário e notas autobiográficas*. Organização de Ana Flora e Ignacio Rose Verissimo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

_____. *Diário*. A Guerra do Paraguai. Introdução e notas de Maria Odila da Silva Dias. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, [19--?].

⁵ TAUNAY, Alfredo d'Esgranolle. *A Retirada da Laguna por Alfredo d'Esgranolle Taunay official do Exercito Brasileiro*. Tradução de Salvador de Mendonça. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1874.

⁶ LEMOS, Renato. *Cartas da Guerra*. Benjamin Constant na campanha do Paraguai. Transcrição, organização e introdução de Renato Lemos. Rio de Janeiro: IPHAN-Museu Casa de Benjamin Constant, 1999.

⁷ MUNAKATA, Kazumi. Histórias que os Livros Didáticos contam, depois que acabou a Ditadura no Brasil. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, pp. 217-96.

⁸ BANDEIRA, Moniz. *O expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai, da colonização à Guerra da Tríplice Aliança*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan; Brasília: Ed. UnB, 1998.

⁹ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *A Guerra do Paraguai: 2ª visão*. São Paulo: Brasiliense, 1991; *O conflito com o Paraguai*. A grande guerra do Brasil. São Paulo: Ática, 1996; e, *Maldita Guerra*. Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

¹⁰ BANDEIRA, Moniz. Op. Cit., p. 131.

¹¹ BANDEIRA, Moniz. Op. Cit., p. 133.